

“Viva o Glorioso São Benedito”! A festa como espaço de não esquecimento de uma irmandade negra em Maceió/AL¹

Sandra Hortencio dos Santos Cordeiro PPGA/UFPE

RESUMO:

A presente comunicação tem como objetivo apresentar as impressões iniciais da pesquisa sobre a festa do Glorioso São Benedito na cidade de Maceió/Al. Realizada a partir da devoção de irmanados que constituíram sua irmandade de homens pretos, bem como a construção da sua própria igreja. Lugar de memórias de um grupo invisibilizado historicamente, pois esta festa ocorre a quase 150 anos sem haja estudos de grande expressividade sobre a temática. A pesquisa está realizando levantamento bibliográfico sobre os conceitos necessários para desenvolver o trabalho. Acervos fotográficos também estão sendo catalogados em busca de registro de antigos devotos para serem utilizados como ferramenta de pesquisa nas entrevistas realizadas com os devotos, frequentadores e irmanados que participam da festa. Bem, como observação da igreja estão sendo realizadas.

Palavras-chaves: Festa, Irmandade e Memória.

*Meu São Benedito
Que do má viesse,
Domingo chegasse
Que milagre fizesse.
Olê, olêê, olê, Olêê
Olêê, por amor de Deus.
Lá vem as Taieiras
Do ombro da praia,
Trazem cana verde
Em lugá de paia
Olê, olêê, olê, Olêê*

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

Virge do Rosário. Sua casa chera,

A cravo e a rosa,

Flô de laranjera

Olê, olêê, olê, Olêê

(Cantiga popular das Taieiras folguedo dedicado a devoção de São Benedito)

INTRODUÇÃO

A festa do Glorioso São Benedito é uma manifestação da devoção de um grupo de escravizados, livres e libertos que constituíram uma irmandade nas dependências da igreja Nossa Senhora do Rosário na cidade de Maceió/Al. De acordo com os registros históricos na década de 60 do século dezenove estes homens e mulheres alguns escravizados, outros livre e libertos se associaram para garantir assistência mútua nas situações de aflição matéria e espiritual dentro do contexto urbano e regime escravista que não reconheciam sua humanidade. Em 1892 esse grupo conquista sua autonomia e inaugura um dos poucos templos de Alagoas com o padroeiro um Santo negro. Dentro das responsabilidades dos irmanados está a festa e o cuidado com a morte. Por muitas décadas a igreja de São Benedito é conhecida pelos diversos adjetivos que causaram sua repulsa por parte da sociedade. Dentre os mais simbólicos estão: Igreja dos mortos, dos Indigentes, dos pobres, dos negros. Indicadores tanto da classe social do seu público, da sua finalidade social e de sua cor.

Nesta comunicação, tentei pontuar as primeiras observações do campo e os contatos que estão sendo construídos para o desenvolvimento da pesquisa. Bem, como constatar uma manifestação que é realizada há quase 150 anos envolvendo um grupo silenciado historicamente.

A Festa do Glorioso São Benedito.

São Benedito morreu no ano de 1589 na Itália, desde então as colônias africanas adotaram o santo para sua devoção. Um fato curioso é que essa veneração inicia antes mesmo da canonização que ocorreu no ano de 1807. Em Maceió no estado de Alagoas o registro da irmandade de São Benedito se deu por volta do final do ano de 1960, quando consegue autorização de funcionamento na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos.

Segundo informações colhidas do seu Manoel frequentador de longa data e responsável pelos registros das imagens nas festas. O vigário Domingos Leopoldo da Costa Espíndola foi quem mandou construir a Igreja de São Benedito. A construção iniciou no ano de 1885 e em 1892 o templo estava completamente erguido. De tal modo, Lima Júnior (1970), a pequena capela estava pronta na Rua Barão de Alagoas, no Centro de Maceió. Era um grande espaço que era de propriedade da irmandade de São Benedito.

O lugar de várias utilizações e significados, pois havia uma praça, para a extensão dessa festa que era também de rua com fogos, folguedos como as Taieiras, leilões e bingos. Também era lugar de comércio da feira livre homens e mulheres comercializavam em seus tabuleiros e sua força de trabalho as pessoas de “ganho”. O movimento era constante pela devoção, ora para sua sociabilidade e sustento material.

Lima Júnior (1970), afirma que os organizadores desta irmandade eram pessoas modestas, a maioria de cor, muitos cativos, livres e libertos que não só construíram a igreja com a força do seu trabalho como também administravam e sustentavam materialmente a mesma, pois eram organizações dentro do regime escravista que permitiam uma certa legalidade as atividades das pessoas de cor. Possibilitando poupar recursos financeiros para suas desventuras da vida como um soldo para as viúvas e órfãos, alforrias, compra de remédios, assistência aos encarcerados, ensino, manutenção da festa e os cuidados com os rituais mortuários. Para tanto o associado deveria pagar uma quantia denominada joia as vezes pagas mensalmente, anualmente...quando atingia os 65 anos. O sócio deixava de pagar, mas era garantido seus direitos. Um dado importante é destacar que as irmandades são genuinamente um movimento urbano e que cada grupo de irmanados estavam em acordo com um estatuto um regulador de comportamento ou melhor o compromisso adquirido para seguir e ser apto a pertencer esta confraria.

O estatuto da Irmandade de São Benedito da cidade de Maceió foi o mais democrático, poderiam ser admitidas pessoas de ambos os sexos livres, escravos, de qualquer nacionalidade que professarem a religião Católica Apostólica Romana e de reconhecida conduta moral e religiosa. Embora, não tenha aprofundado neste item sobre nacionalidade, mas constatei que alguns doadores da igreja são pessoas de origem libanesa, talvez no passado foi a maneira que o clero resolveu para integrar pessoas que eram vistas como novos cristãos e rejeitados pelas outras irmandades da elite branca local. Então, visualizo que os grupos de marginalizados foram facilmente absorvidos

pela devoção a São Benedito. Não apenas pela fé, mas a busca de laços de solidariedade entre os muitos diferentes que não se encaixavam socialmente.

Era comum ainda na década de 80 como presenciei os velórios a qualquer hora do dia na igreja, na maioria das vezes cerimônias solitárias de nos máximos dois vivos e o defunto. Nunca compreendi tal cena, pois a pequena igreja espremida como se encontra até hoje entre as variadas construções e a perda paulatina de seu espaço aniquilando as pomposas festas simboliza vários significados no imaginário dos locais. O hábito de fazer o sinal da cruz do católico na porta das igrejas, este gesto também é praticado por qualquer transeunte que passe na rua e tenha medo das almas penadas. Por muito tempo desconheci o verdadeiro nome de a São Benedito devido aos vários adjetivos dados a ela. Como: Igreja dos mortos, dos indigentes, dos negros, dos pobres reforçando o citado acima por se tratar de grupos marginais. Refletindo sobre um espaço de uma memória negra alagoana que há uma enorme lacuna pois não há estudos contemporâneos que traga outras interpretações sobre o negro em alagoas fortemente estudado no campo das religiões de matriz africana e nos folguedos deixando de lado os movimentos no espaço urbano que homens e mulheres desenvolveram para sua existência.

Para tanto a festa que é realizada há aproximadamente 150 anos e possivelmente de forma ininterrupta, causou espanto para mim que visualizei por anos aquela igreja como uma a mais de tantas espalhadas pela cidade. Nunca imaginei que ali poderia ser fonte diferenciada da memória coletiva dessa cidade. Percebo que ao contrário de algumas igrejas que seus patronos são Nossa Senhora dos Prazeres a padroeira, São Pedro, São Jorge símbolo dos militares há toda uma propaganda televisiva e nos meios de comunicação para sua divulgação. Até mesmo placas que sinalizam vários monumentos de visitação turística do centro de Maceió a Igreja de São Benedito não possui, mesmo com um pequeno cemitério em seus fundos que abriga os ossos do governador Silvestre Pércles.

Hoje a festa ocorre de forma não fixa. Geralmente entre os meses de outubro, novembro ou dezembro fato que precisa de averiguação para saber o motivo dessa fluidez no calendário. São nove dias de festa organizada por uma comissão dos membros e agregados da irmandade que por sinal não é reconhecida pelo clero. Não obtive autorização em tempo hábil para observar as discussões e decisões sobre as atividades da festa, mas o grupo é composto por aproximadamente vinte idosos homens e mulheres

negros que possuem algumas atividades fixas herdadas de seus antepassados. Como por exemplo há o dia da “descida do santo”, termo utilizado pelos devotos para descrever a retirada de São Benedito do altar, para essa atividade há pessoas responsáveis para fazer tal movimento, bem como outra pessoa para retirar sua coroa e o menino Jesus dos seus braços, bem outra para realizar a troca das vestes deste. Nestes dias os fiéis se aglomeram para pôr em seus braços o Menino Deus e tocar em São Benedito que fica em exposição sobre o altar. Um exemplo de agregado é o Senhor João ele recebeu a licença devido a um filho adotivo seu, havia um senhor da irmandade que era o guardião do cofre lugar que guarda os objetos para realização das festividades, ele não tinha filhos e como esse menino também era negro e adotado o guardião antes de morrer anunciou o novo guardião o filho do Senhor João, este não quis a responsabilidade de todos os rituais, mas nos dias de festa apenas ele pode abrir o cofre. Sendo assim para não negligenciar as obrigações com o santo o pai adotivo recebeu a exceção.

Segundo Senhor João um dos entrevistados também recebeu outras funções dentro da organização da festa a realização da feijoada dentro da igreja atividade que contraria à vontade alguns párocos, em 2013 quando estive presente no preparo da comida havia um mal-estar visível entre clero e os devotos, no mesmo espaço em um antigo fogão a lenha a feijoada era confeccionada, enquanto o padre rezava sua missa em latim. Enquanto a charola era enfeitada a comida era servida para todos que colaboraram e visitantes presentes no evento.

Como foi dito o senhor João não pertencia a irmandade, mas devido sua aproximação com pessoas da mesma foram lhe capacitando para ser uma espécie de “amigo”, quando recebeu a responsabilidade da feijoada foi devido a proximidade que desenvolveu com D. Liberalina uma irmanada de muita influência e respeito dentro da organização. Era uma exímia artesã no cuidado das flores e arranjos foi a responsável por abolir as flores artificiais da festa e criou um estilo seguido pelos responsáveis da charola. Bem, como antes de morrer autoriza o senhor João a cuidar da festa. Ela não teve filhos e não havia ninguém com seu sangue para repassar o compromisso.

Os preparativos e a ocorrência de uma festa posicionam os indivíduos fora da rotina vindo à tona elementos que durante o banal cotidiano não são possíveis ou fáceis de observação, as emoções e gatilhos para a memória são acionadas renovação dessa devoção. Para Roberto Da Matta (1997) a festa produz o chamado *extraordinário construído* uma quebra de regra do padrão da vida comum. Tais acontecimentos

suspenderiam a vida real por alguns instantes, marcados pelo fora da programação e nos casos das festas poderíamos inserir a categoria ritual. Quero apontar o fato que foi no ambiente festivo que elementos sobre esse grupo vieram as vistas, pois como mencionei anteriormente a medíocre presença da igreja no centro da cidade e de seus adjetivos não trazia nenhum indício de que ali há um grupo que ainda não sei quais as motivações para que consigam realizar uma festa há mais de um século.

Vou em outras situações visitar a igreja e o comportamento da mesma pessoa é distinto. Nos dias de festa o reencontro com antigos conhecidos é um momento bem proveitoso para participar das rodas de conversa, uma lista como de frequência é mencionada e hora a alegria e o pranto se misturam pelos que partiram. Uma das perdas bem significativas foi a do Padre Sarmento assumiu a igreja na década de 40, substituindo o grande opositor da irmandade Monsenhor Capitulino, era grande as tensões causadas em sua gestão, pois os negros apenas seguiam as diretrizes combinadas nas reuniões da Confraria, principalmente em relação ao sacramento do casamento, haviam casais unidos naturalmente e não queriam casar na igreja contrariando os preceitos do clérigo. Conheci padre Sarmento mesmo não sendo padre oficial da igreja este lugar nunca foi substituído em relação aos frequentadores, ele faleceu em 2013 aos 97 anos, mais de 60 anos nesta igreja viu a continuação e formação de muitas famílias e era visto como um grande conciliador, ele sempre falava do período de transição quando substituindo o Monsenhor Capitulino e da forte perseguição para acabar com a irmandade e os costumes dos negros. “Ele não entendia a fé desse povo”. Com muito orgulho ele contava que por sua iniciativa as igrejas do centro da cidade ficassem abertas até o fim do dia ,a casa de Deus nos seus dizeres deveria estar sempre de portas abertas para receber seus filhos, foi ele também que resistiu para que os velórios continuassem na São Benedito compreendi que muitos daqueles defuntos eram os “sem ninguém”, os indigentes, os pobres e desvalidos que morriam sem ter um vivente para rogar por suas almas e foi assim que descobri a insistência desse ritual no século 20. Eram conhecidos também por não negar o batismo aos pertencentes as religiões de matriz africana, como nunca parou nem tão pouco proibiu a entrada destes na igreja. Por esse motivo a própria Arquidiocese suspendeu os sacramentos desse lugar. Era importante essa postura para a manutenção da própria, pois era o dinheiro arrecadado dos devotos e seus festejos que mantinham o funcionamento do lugar. Para mim Padre Sarmento nunca verbalizou os

“tais costumes”. Entre uma conversa e outra de devotos era mencionado personagens da irmandade até mesmo liderança pertencentes as religiões de matriz africanas.

Fato constatado por um antigo historiador e é morador do bairro que quando adolescente era coroinha da igreja e os mesmos que frequentava a igreja eram os mesmo que possuíam os seus Xangôs. Estou utilizando nomes fictícios pois ainda a pesquisa está em vias de elaboração. Senhor Pedro contou que quando era a procissão um cortejo de pais e mães de santos seguiam a imagem do santo pelas ruas do bairro. Ponto importante para averiguação, como Maceió foi um dos lugares que vivenciou uma forte perseguição a qualquer manifestação do negro. Théó Brandão (2003) comenta que até mesmo a imprensa local noticiava em tom de chacota matérias sobre os maracatus. Vejo também a festa de São Benedito diante do quadro de intolerância e perseguição uma expressão de resistência.

Breves conclusões

São nove dias de festejos marcados por atividades pontuais missas, apresentação de corais, desfile de outras irmandades. Do lado de fora leilões de comida, brechó, a feijoada, venda de comidas. Não há consumo de bebidas alcóolicas. Sempre no Domingo acontece a procissão que percorre as ruas do bairro da periferia, em quase todas as portas há pequenos altares nas calçadas e pequenos festejos particulares esperando a passagem do santo que cada um ao seu modo solta fogos por onde passa. Mas, na segunda feira dia da “subida do santo “é o momento de maior ápice da festa, novamente coroado se prepara para dar adeus aos seus filhos, pessoas colocam bebes em seus braços, medem fitas em alguma parte do corpo e amarram ao corpo da imagem falta muitas informações a serem catalogadas penso que aqui apresento um lugar invisibilidade rompendo os séculos e como uma gama de memórias e significados a respeito do negro em Alagoas e conseqüentemente colaborando com as semelhanças de outras pesquisas. Pontuo a existência de uma festa originalmente organizada e realizada por uma irmandade de homens pretos, cuja existência negada pelo clero, contradizendo com se autodeclaram e reconhecida pelos demais leigos frequentadores da igreja de São Benedito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: Irmandades Leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais**. São Paulo, Ática, 1986.

BRANDÃO, Ascânio. **São Benedito: O Santo Preto**. Aparecida do Norte: Santuário, 1986.

BRANDÃO, Théo. **Folguedos Natalinos**. Maceió: Edufal, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Religião e Religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994.

DUARTE, Abelardo. **Folclore Negro das Alagoas**. Maceió: Edufal, 2010.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Irmandades**. Maceió.1970.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.